

O *Moretum*, a escravidão e o Principado

The Moretum, the slavery and the Principate

Fábio Duarte Joly*

Resumo: Este artigo centra-se no poema *Moretum*, da *Appendix Vergiliana*. Os estudos sobre essa obra em geral priorizam aspectos de ordem literária, buscando qualificar seu estilo e relações com o gênero épico. Meu propósito é analisar o poema como um componente nas discussões sobre a escravidão no Alto Império Romano, que, por sua vez, se situam no contexto das tensões entre imperador e aristocratas quando da instalação do Principado.

Abstract: This article focuses on the *Moretum*, a poem contained in the *Appendix Vergiliana*. The studies devoted to this poem usually analyze its literary structure, trying to qualify its style and relations with the epic genre. My purpose is to analyze it as part of discussions about slavery in the Early Roman Empire, which took place in the context of tensions between emperor and aristocrats during the Principate.

Palavras-chave:

Moretum;
Escravidão;
Principado.

Keywords:

Moretum;
Slavery;
Principate.

Recebido em: 17/08/2014
Aprovado em: 21/09/2014

* Mestre e Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Professor de História Antiga da Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista de Produtividade do CNPq.

O *Moretum* é um poema em 122 hexâmetros, usualmente listado na *Appendix Vergiliana*. Essa coletânea de poemas atribuídos a Virgílio inspira-se em comentário de Élio Donato, um gramático que atuou em Roma na metade do século IV, e que teria retomado informações de uma vida do poeta composta por Suetônio, no século II, e incluída na seção sobre os poetas (*De poetis*) de seu *De viris illustribus*. De acordo com Donato (*Vita Suetonii vulgo Donatiana*, 17-19), Virgílio teria composto, em sua juventude, *Catalepton*, *Priapea*, *Epigrammata*, *Dirae*, *Ciris*, *Culex*, e o poema *Aetna*, embora sobre este a autoria fosse incerta (*Catalepton et Priapea et Epigrammata et Diras, item Cirim et Culicam, cum esset annorum XXVI [...] scripsit etiam de qua ambiguitur Aetnam*). Outros poemas foram depois acrescentados a esses, de modo que a *Appendix*, nas edições modernas, consta de treze ao todo: *Dirae*, *Lydia*, *Culex*, *Aetna*, *Copa*, *Elegiae in Maecenatem*, *Ciris*, *Priapea*, *Catalepton*, *Moretum*, *De est et non*, *De institutione viri boni*, e *De rosis nascentibus*.¹

No caso específico do *Moretum*, sua atribuição a Virgílio surge no século IX, sendo referida em biografias do poeta produzidas na Idade Média, e que se servem, em geral, além da obra citada de Donato, de vidas de Virgílio escritas por São Jerônimo e Sérvio também no século IV. Por exemplo, vemos tal atribuição na *Expositio Monacensis II*, do século XII, que traz uma versão reduzida de um comentário às *Éclogas* escrito por Anselmo de Laon (1050-1117). No século XIV, Zono de' Magnalis (Cione di Romeo da Magnale), na Toscana, igualmente menciona-a em sua vida de Virgílio, que sobreviveu em dois manuscritos, e também Sicco Polenton (1375-1447), humanista italiano, que compôs uma *Vita Vergilii*, inserida em sua *De scriptoribus illustribus latinae linguae* (1426), com uma segunda edição em 1437. Por fim, entre essas duas edições da obra de Polenton, surgiu o chamado *Donatus auctus*, uma falsificação deliberada da obra de Donato, que se tornou a vida padrão de Virgílio incluída em edições impressas até o século XVIII.²

Essa atribuição medieval do *Moretum* a Virgílio de certa maneira pautou o debate sobre esse poema entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Os estudos dirigiram-se primordialmente para defender ou contestar a autoria de

¹ Adoto aqui a edição organizada por Maria Grazia Iodice (2002), com notas de Gianfranco Mosconi e Maria Vittoria Truini.

² Sobre a tradição literária acerca da vida e obra de Virgílio consultar a excelente compilação de Ziolkowski & Putnam, 2008, que utilizei para as linhas acima. Ver também Todd, 1925, p. 336-7, que salienta que tanto Donato quanto Sérvio não mencionam o *Moretum* na lista de poemas virgilianos.

Virgílio, em especial recorrendo a análises de estilo e vocabulário.³ Prevalece hoje o entendimento de que o poema não é da pena de Virgílio, tendo sido composto após 8 d.C., tendo como *terminus ante quem* provavelmente a época de Nero (cf. RODRÍGUEZ-PANTOJA, 1977; BRAMBLE, 1996, p. 468).

O poema descreve as atividades de Símulo, agricultor que desperta logo cedo, no inverno, para se preparar para os labores do dia. Ajudado por uma escrava africana, de nome Scybale, prepara um alimento conhecido como *moretum*, do qual temos referências em outros autores latinos,⁴ e cujas etapas de fabrico são assim contadas pelo poeta:

[Símulo] tinha adentrado a horta; e em primeiro lugar, afundando quatro dedos na terra revolta, retira com leveza uns alhos e suas fibras espessas. Daí, com uma linha fina, arranca os pequenos ramos do aipo, a arruda molhada e o coentro que treme. No lugar onde os colheu, sentou-se alegre ao fogo e pediu com voz clara um pilão à escrava. Então retira uma a uma as folhas de seus ramos, despe as vagens de suas cascas, e as abandona espalhando os restos ali pelo chão, lava no tanque de pedra os bulbos selecionados, deixando escorrer, através de uma abertura, a água pela relva; salpica a porção com uma pitada de sal, que se acrescenta também ao queijo rústico e acaba sobre ditas ervas, e enquanto com a mão esquerda segura sua veste sob a perna de pelos eriçados, a direita mói com o soquete, primeiro outras ervas, depois mói tudo por igual na mesma seiva.

A mão mantém o giro: aos poucos a mistura perde as próprias características, e dentre todas resulta uma só cor, nem verde de todo, pois as porções de queijo não o permitem, nem brilhante como o leite, porque já muito modificada pelas ervas. Às vezes o odor amargo alcança-lhe as narinas e este condena sua refeição com uma careta, às vezes esfrega com a mão os olhos lacrimejantes e, furioso, insulta o odor inocente.

O trabalho avançava; o áspero soquete já não corria, mas ia mais lenta e pesadamente no pilão, logo pinga umas gotas de azeite e derrama um pouco de vinagre sobre as verduras, e em seguida remexe o trabalho e acerta a mistura. Então finalmente circunda todo o prato com dois dedos e junta as partes distantes ao conjunto, para que o resultado obtenha a aparência e o nome de *moretum* (v. 85-116).⁵

No tocante aos estudos literários, o interesse da crítica moderna ora chamou a atenção para o “realismo” na representação do cotidiano de um agricultor pobre, que possibilitaria o acesso a uma realidade de difícil prospecção no conjunto da literatura

³ A autoria de Virgílio foi sobretudo defendida por Douglas, 1929 e Steele, 1930. Dentre aqueles que contestam essa posição tem-se Rand, 1919; Todd, 1925; Ross, 1975; Rodríguez-Pantoja, 1977; Évrard, 1982; e Kenney, 1984.

⁴ Por exemplo, Apicius, *De re coquinaria*, 1, 35; *Ov., Fast.*, 4, 367-372; *Col.*, 12, 59.

⁵ Utilizo a tradução, em prosa, de Pita (2010). O texto latino segue a edição da *Appendix* acima citada.

latina, ora enfatizou o caráter paródico do poema, marcando seu diálogo com a poesia épica (Homero e Virgílio). David Ross resume, de forma clara, essa tensão que acompanha os estudos sobre o *Moretum*:

Há duas características reconhecidas do poema que têm uma relação direta com a questão: sua linguagem é épica, e exibe um realismo observado por quase todos e muitas vezes chamado de único na poesia latina. Aqueles que têm enfatizado esse realismo naturalmente não o queriam diluído, alterado, ou tornado menos significativo pela admissão de paródia, enquanto aqueles que se concentraram na dicção épica adotaram uma definição um tanto vaga do poema como uma paródia do épico (é tal paródia, afinal de contas, que combina o real e o comum num cenário épico para alcançar o seu efeito) (ROSS, 1975, p. 254).

Para Ross, a apresentação épica – mesclando palavras de cunho poético com outras mais vulgares – de *Símulo* não seria apenas uma paródia jocosa do épico, mas seria consequência da retomada, por autores latinos, de aspectos da poesia alexandrina, com sua domesticação do herói, sua redução a termos mundanos, capaz de exprimir emoções e pensamentos cotidianos (ROSS, 1975, p. 262-263).

William Fitzgerald minimiza esse ponto de vista de Ross, atentando para o que entende como o ponto central do poema: tomando como base que o *Moretum* é a única representação detalhada da vida de um pobre trabalhador na poesia latina que não está explicitamente ligada a qualquer outra agenda, Fitzgerald sustenta que seu objetivo último é provocar no leitor uma relação imaginativa entre o trabalhador e uma elite literária. O desinteresse do poeta em aludir às relações de dependência a que estaria submetido *Símulo* seria uma demonstração de como a elite tornava invisíveis as camadas subalternas, representando-as apenas segundo suas próprias necessidades e angústias. Nesse sentido, o desenvolvimento do trabalho de *Símulo*, tal como descrito pelo poeta, serviria para materializar o trabalho invisível da produção poética. Em suas palavras:

Escrever poesia é uma forma de trabalho que é praticamente impossível de representar, embora os poetas alexandrinos e os seus admiradores romanos salientem que a verdadeira arte da poesia exige uma grande dose de trabalho. Descrições de trabalho manual permitem ao poeta encontrar formas de ancorar o produto poético em uma atividade; elas fornecem um meio de imaginar a relação entre os recursos poéticos do texto e algum tipo de habilidade. Ao tornar as ações cotidianas em poesia, o poeta pode tornar a própria poesia uma forma de práxis. (...) A descrição vívida e detalhada da fabricação do *moretum* permite ao poeta destacar dois tipos diferentes, mas relacionados, de

invisibilidade: primeiro, o trabalho do poeta e o processo de constituição da obra poética e, em segundo, a vida inenarrável de Símulo (FITZGERALD, 1996, p. 412; 414).

Essa observação de que o trabalho é uma categoria importante no poema é ainda atestada pelo fato de *manus* (v. 6, 14, 24, 39, 45, 101, 107, 118) e *opus* (v. 24, 38, 47, 68, 109, 113) serem as palavras mais recorrentes na obra, como indica E. Évrard (1982, p. 562) em estudo quantitativo do vocabulário do *Moretum*. O trabalho manual, tanto de Símulo quanto de Scybale, estão assim no cerne do poema.

O tema do trabalho, destacado por Fitzgerald, também comparece, como seria de se esperar, nos estudos de história econômica e social de Roma que mencionam o *Moretum*, cuja relevância residiria na representação de uma pequena propriedade camponesa, suas formas de subsistência, as relações de trabalho apresentadas e as condições de vida da população pobre (cf. KOLENDO, 1991, p. 170). Peter Garnsey, por exemplo, toma Símulo como um parâmetro para se discutir em que medida um campesinato de subsistência poderia prescindir do mercado para sua sobrevivência. Para o autor, “poucos produtores podiam evitar contato com um mercado. [...] Símulo produz, processa e consome seu próprio pão, temperando-o com ervas, alho e queijo. Entretanto, ele precisa de dinheiro para comprar itens que lhe faltam (como sal) e talvez também para sanar despesas com aluguel, taxas ou empréstimos. Com esse intuito, ele cultiva verduras em seu ‘quintal doméstico’ para venda no mercado” (GARNSEY, 1988, p. 56). A referência aqui diz respeito à seguinte passagem do *Moretum*:

Aqui e ali os legumes e os ramos de beterrabas espalhavam-se, e o fecundo dardo, a malva e o helênio verdejavam pelo canteiro, aqui a cenoura selvagem e os alhos-porros, que devem seu nome à cabeça, [aqui também a papoula gélida e nociva para a cabeça,] e a alface, descanso agradável das refeições nobres *** e a raiz cresce com sutileza, além da pesada abóbora pronta para ser remetida ao estômago. Este não era, na verdade, um alimento de senhor (quem de fato menos inclinado àquilo?) mas do povo, que, nas nonas, levava-o à cidade em feixes, expostos para venda, e voltava depois em caravana para casa com as costas leves, às vezes apenas com o valioso dinheiro pago pelo mercado da cidade (v. 71-81).

Keith Bradley, por sua vez, cita o *Moretum* como testemunho das duras condições materiais de vida da população urbana e rural na Roma antiga, que acabavam aproximando livres pobres e escravos:

As semelhanças de detalhe no *Moretum* com relação ao que já foi visto sobre as condições servis são impressionantes, e até mesmo a descrição do poeta de Scybale como "*unica custos*", embora irônica, é realista o suficiente dado o reconhecimento por Sêneca (*Ep.* 47.10) de que uma casa deve ter ao menos um *custos*. Seria tentador, portanto, acreditar que Símulo é um escravo, mas o poema nunca esclarece de fato sua situação jurídica. É conveniente chamá-lo de um camponês, mas é ele nascido livre, liberto ou escravo? Ele está trabalhando a sua terra ou de um patrono ou senhor? Não há como afirmar. Para nossos propósitos, no entanto, a ambiguidade é importante, porque a situação material autêntica que o *Moretum* descreve foi sempre compartilhada pela massa da população rural e urbana na Antiguidade romana, independentemente da posição jurídica (BRADLEY, 1996, p. 91).

De fato, há uma dificuldade de se precisar o *status* de Símulo, apresentado no poema de forma sumária: "Símulo, rústico agricultor de um campo mínimo" (*Simulus exigui cultor cum rusticus agrī*) (v. 3). Também no tocante a Scybale o autor não usa diretamente o termo *serva* ou *ancilla*, mas *custos* (v. 31) e *famula* (v. 91), que aludem indiretamente a uma condição escrava.⁶

De qualquer forma, cumpre notar que, quando os estudos sobre escravidão romana mencionam o *Moretum* é, em geral, por dois motivos. Por um lado, para afirmar que a posse de, pelo menos, um escravo era comum até mesmo entre as camadas mais pobres da Itália. Por outro lado, centram-se na descrição de Scybale, pois, como observou Frank Snowden, o *Moretum*, "em apenas quatro versos, oferece, na Antiguidade clássica, o mais completo retrato de um negro" (SNOWDEN, 1991, p. 10). Na opinião de Snowden, os versos 31-35 seriam dignos de uma descrição por um antropólogo moderno:

[...] sua única escrava, cujo corpo inteiro testemunhava sua origem africana: os cabelos crespos, os lábios grandes e a cor escura, os peitos fartos e caídos, mas menores que a barriga, as pernas magras porém com pés enormes.

erat unica custos,
Afra genus, tota patriam testante figura,
torta comam labroque tumens et fusca colore,
pectore lata, iacens mammis, compressor alvo,
cruribus exilis, spatiosa prodiga planta (v. 31-35).

⁶ Já William Blair, em seu *An Inquiry into the State of Slavery amongst the Romans from the Earliest Period till the Establishment of the Lombards in Italy*, de 1833, se indagara sobre essa dificuldade de asseverar o *status* de Scybale, mas opta pelo de escrava em vez de liberta (BLAIR, 1833, p. 256).

O objetivo de Snowden ao frisar essa passagem vinculava-se ao seu estudo mais amplo sobre a representação dos negros por autores gregos e latinos, cuja principal característica, no seu entendimento, seria a ausência de preconceito racial, ao contrário do que ocorreria no mundo contemporâneo (SNOWDEN, 1970). Essa interpretação ecoou em estudos sobre escravidão antiga⁷, mas encontra resistência atualmente em análises de orientação feminista. Leituras nesse sentido avaliam que a historiografia, ao acentuar o caráter subalterno de Scybale como escrava, tende a desconsiderar a possibilidade de que entre ela e Símulo existissem laços de afeição mútua (HALEY, 2010, p. 46).⁸

Esse aspecto, de fato, não é mencionado pela historiografia sobre escravidão antiga. Embora se observe que os nomes do camponês e da escrava tenham uma conotação negativa,⁹ os estudiosos não se detêm na caracterização da relação escravista apresentada no poema. Em primeiro lugar, é preciso salientar que tal relação não se sustenta na violência ou na degradação do elemento servil. A forma como Símulo se dirige à escrava nada sugere a respeito. Inicialmente temos a descrição abaixo, relativa aos preparativos iniciais do camponês para assegurar seu alimento ao raiar do dia:

Modo rustica carmina cantat
agrestique suum solatur voce laborem,
interdum clamat Scybalen.
[...]
hanc vocat atque arsura focis imponere ligna
imperat et flamma gelidos adolere liquores.

Símulo incentiva seu trabalho cantando, com sua voz áspera, uns versos grosseiros e, enquanto isso, chama Scybale. (...) Chama-a e manda colocar lenha e calor ao fogo para, com a chama, derreter os líquidos congelados, após o que completou de modo conveniente a tarefa inconstante (v. 29; 36-37).

⁷ Cf. Schumacher, 2001, p. 21, com igual referência ao *Moretum*.

⁸ A crítica de S. Haley visa Snowden e sua tradução da descrição de Scybale no *Moretum* (Snowden, 1970, p. 6), que, de acordo com a autora, é depreciativa e permeada de estereótipos eurocêntricos e racistas. Recentemente Hairston (2013, p. 19-20) corroborou essa interpretação.

⁹ De acordo com W. Fitzgerald (1996, p. 401), "Símulo e sua escrava Scybale possuem nomes gregos, mas a similaridade termina aí, pois os nomes do casal do *Moretum*, "nariz arrebitado" (*Simos*) e "dejeito" (*skubalê*), degrada-os ambos ao subumano, embora ainda em sua degradação a hierarquia entre escravo e senhor seja mantida". Igualmente C. Connors (2004, p. 201) observa que "ao nomear o 'herói' rústico do poema Simylus (*Mor.* 3), o poeta metapoeticamente comenta sobre o status paródico de seu poema. Simylus não tem apenas nariz arrebitado, sendo (por estereótipo) de aspecto grosseiro: ele está para os heróis épicos que seu poema parodia, assim como o macaco está para o humano – uma imitação baixa, mas, muitas vezes, divertida".

Em seguida, no tocante à preparação do *moretum*:

Tunc quoque tale aliquid meditans intraverat hortum;
ac primum leviter digitis tellure refossa
quattuor educit cum spissis alia fibris,
inde comas apii graciles rutamque rigentem
vellit et exiguo coriandra trementia filo.
haec ubi collegit, laetum consedit ad ignem
et clara famulam poscit mortaria voce.

Logo, pensando também em algo assim, tinha adentrado a horta; e em primeiro lugar, afundando quatro dedos na terra revolta, retira com leveza uns alhos e suas fibras espessas. Daí, com uma linha fina, arranca os pequenos ramos do aipo, a arruda molhada e o coentro que treme. No lugar onde os colheu, sentou-se alegre ao fogo e pediu com voz clara um pilão à escrava (v. 85-91).

Por fim, no encerramento do poema, Símulo partilha o pão com sua escrava:

Eruit interea Scybale quoque sedula panem,
quem laetus recipit manibus, pulsoque timore
iam famis, inque diem securus Simulus illam,
ambit crura ocreis paribus tectusque galero
sub iuga parentis cogit lorata iuencos
atque agit in segetes et terrae condit aratrum.

Enquanto isso a ágil Scybale também descobriu o pão, que recebe com mãos alegres¹⁰, enquanto Símulo, assegurado já para aquele dia, mas igualmente impelido pelo temor da fome vindoura, cobre as pernas com polainas e a cabeça com um barrete, reúne os novilhos domados sob uma junta de couro, afunda o arado na terra e o conduz pelos campos cultivados (v. 117-122).

O uso do verbo *impero* para se dirigir à escrava no verso 37 é o único elemento que explicita, de maneira mais acentuada, a hierarquia entre senhor e escrava, mas sem qualquer referência a um uso efetivo ou potencial da violência. Ambos dividem o mesmo alimento e colaboram mutuamente na confecção do *moretum*, sob a liderança de Símulo, que emerge do poema como um indivíduo que, apesar da pobreza e do temor da fome, mantém sua liberdade e autonomia:

Enquanto o rico necessitava de muitas coisas do pobre, nada lhe faltava daquilo que os hábitos do pobre pedem; nem usava o trabalho de outra pessoa, mas um mínimo de cuidado: já que, quando estava desocupado da casinha, do sol e

¹⁰ Modifiquei aqui a tradução de Pita, pois o autor adota o texto latino em que se lê “quem laetus tertis recipit manibus” (v. 118), seguindo a edição da *Appendix* por R. Ellis, Oxford, 1957.

das chuvas, se por acaso o trabalho do arado cessava, então havia trabalho na horta, pois afinal sabe dispor as várias plantas, ocultar as sementes na terra e afastar, com habilidade, os cursos d'água vizinhos.

interdum locuples a paupere plura petebat.
nec sumptus erat ullius opus sed recula curae:
si quando vacuum casula pluviaeve tenebant
festave lux, si forte labor cessabat aratri,
horti opus illud erat. Varias disponere plantas
norat et occultae committere semina terrae
vicinosque apte circa summittere riuos (v. 64-70).

Os versos aqui assemelham-se em conteúdo com a noção estoica de pobreza, como teorizada, por exemplo, por Sêneca. Para esse filósofo, viver de acordo com a natureza é possuir apenas o estritamente necessário para a manutenção da existência. Daí a vida natural ligar-se à pobreza, entendida não como carência, mas como um estado de satisfação com o que se possui. "Não considero pobre aquele a quem basta o pouco que tem" (*Ep.*, 1, 5), afirma Sêneca e, em outra carta a Lucílio, citando Epicuro, escreve que "não é pobre quem tem pouco, mas sim quem deseja mais" (*Ep.*, 2, 6).¹¹

Todavia, embora pareça partilhar de uma moral estoica na representação da vida do camponês, o *Moretum* diferencia-se da literatura alto imperial no seu tratamento da escravidão, e sobretudo dos textos produzidos em época neroniana,¹² com os quais guarda analogias de vocabulário. Se tomarmos, em sentido geral, o poema como descrevendo a refeição do pobre, em que o mesmo se envolve no preparo, e o escravo come do mesmo alimento, o contraste se coloca em relação à descrição dos ricos banquetes, com sua numerosa escravaria, e respectivas hierarquização e especialização de funções que deixam transparecer a violência da relação escravista (D'ARMS, 1991). Uma passagem paradigmática para ilustrar esse ponto provém da carta 47 de Sêneca:

Quando jantamos estendidos no leito há um escravo para limpar os escarros, outro para, de quatro, andar apanhando o vômito dos convivas ébrios. Outro se destina a trinchar aves de alto preço; e com a sua mão hábil, por cortes exatos desde o peito até a mitra, vai fazendo a ave em pedaços. Desgraçado, cuja vida não tem outro fim que não seja trinchar aves! Só que talvez ainda seja mais miserável o senhor que nisso o adestrou para servir o seu prazer, do que o escravo forçado a adestrar-se. Outro caso é o daquele que serve vinho: vestido e pintado como uma mulher luta contra a própria idade. Não o deixam crescer, forçam-no a manter-se criança, e, apesar do seu físico de soldado, todo

¹¹ Sobre a noção de pobreza em Sêneca, ver Faversoni, 2012, p. 107-119.

¹² Retomo abaixo Sêneca e Petronio a partir de Joly, 2006.

depilado a unguento ou à pinça, passa a noite em claro ao serviço da embriaguez e da lubricidade do senhor: serve-lhe de homem no quarto, de garoto na sala de jantar! Outro, o do encarregado de inspecionar os convivas, um infeliz que passa o tempo a notar quais os que, pela capacidade de adulação ou pela intemperança de apetite, ou de linguagem, voltarão a ser convidados no dia seguinte. Outro ainda o dos chefes da cozinha, a quem incumbem conhecer em pormenor o paladar do senhor, quais os alimentos que lhe excitam a voracidade, quais os pratos de cujo aspecto ele gosta, quais aqueles que, pela novidade, poderão despertar a sua gula entorpecida, quais os de que já está farto, quais os que lhe apetece comer em cada dia (*Ep.*, 47, 5-8).

Porém, é no *Satyricon*, de Petrónio, que encontramos a mais densa descrição de um rico banquete. Sob o comando de Trimalcião, escravos cantam e dançam enquanto servem os convivas e até a apresentação dos pratos principais, trazidos por escravos, é pautada por uma teatralidade (JONES, 1991). Esse recurso narrativo na *Cena* é utilizado para acentuar a organização do tempo e a divisão do trabalho da escravaria na *domus* de Trimalcião, onde comparecem cerca de setenta escravos, um conjunto hierarquizado em que cada escravo perfaz uma função específica (FAVERSANI, 1999, p. 138-139). Esse ponto é retratado por Petrónio na passagem em que atribui o nome de Carpus a um dos escravos de Trimalcião:

Trimalcião, não menos contente com a brincadeira, disse: "Corte!" [Carpe]. Imediatamente apresentou-se o escravo responsável por trincar a carne e, gesticulando no compasso da música, despedaçou a carne de tal maneira que se poderia pensar que era um condutor de carro combatendo ao som do órgão hidráulico. E ninguém menos do que Trimalcião ficava repetindo com a voz mais vagarosa possível: "Corte! Corte!" Eu, suspeitando de que a repetição daquela palavra se referia a algum tipo de brincadeira, não me envergonhei de perguntar isto à pessoa que estava à mesa depois de mim. E ele, que já tinha assistido a brincadeiras semelhantes, disse: "Veja aquele escravo que está cortando a carne: o apelido dele é Corte. Assim, todas as vezes em que ele diz 'Corte', com a mesma palavra não só o chama, mas também dá a ordem" (36, 5-8).

Assim como Sêneca e Petrónio chamam a atenção para a grande quantidade de escravos nas casas aristocráticas durante as refeições, igualmente Plínio, em sua *História Natural* (33, 26), alude, num tom moralizante, ao tema, quando comenta que entre os antigos bastava um escravo a cada senhor, e que tomavam as refeições juntamente com a família, e tampouco era preciso ficar vigiando os escravos (*aliter apud antiquos singuli Marcipores Luciporesve dominorum gentiles omnem victum in promiscuo habebant, nec ulla domi a domesticis custodia opus erat*). Em seu tempo, pelo contrário, as casas

teriam “legiões de escravos” (*mancipiorum legiones*).¹³ Passagem esta que pode ser relacionada a uma anterior, do livro XXIX, com referência à escravidão: “Caminhamos com os pés alheios, enxergamos com olhos de outros, saudamos com a ajuda da memória de outrem, até mesmo nos mantemos vivos com a ajuda alheia; o valor das coisas naturais foi destruído, e portanto as verdadeiras razões da existência. Nada consideramos que seja nosso, exceto os prazeres” (*alienis pedibus ambulamus, alienis oculis agnoscimus, aliena memoria salutamus, aliena et vivimus opera, perieruntque rerum naturae pretia et vitae argumenta. nihil aliud pro nostro habemus quam delicias*) (29, 19).

A simbiose entre senhores e escravos é um tema constante na literatura grega e romana (FITZGERALD, 2000, p. 13-31), mas que, no *Moretum*, aparece como em contraposição a uma outra forma de apresentação da questão, em que se enfatiza a submissão e degradação do escravo, e não tanto uma complementaridade positiva que preserva a autonomia física e moral do senhor.

Nesse contexto, embora o poema tenha sido estudado basicamente em termos literários – em seus aspectos de intertextualidade com a poesia épica de Homero e Virgílio – é possível ainda entendê-lo, para usar os termos de Thomas Habinek (1998, p. 3), como, ao mesmo tempo, uma representação da sociedade e tentativa de intervenção na mesma, ou seja, como um meio pelo qual setores em competição na sociedade romana buscavam impor seus interesses frente a outras formas de autoridade social e política.

A representação literária da escravidão no Alto Império estava no centro de uma negociação discursiva entre *princeps* e aristocracia tendo em vista uma adaptação dos códigos de conduta aristocráticos à presença de um imperador. A relação senhor-escravo representaria um modelo negativo de interação entre imperador e aristocracia, pois a palavra *servitus* e seus cognatos carregavam profundas conotações negativas, que derivavam do estereótipo do escravo como sujeito à degradação física e moral, à

¹³ Ver também Tácito, *Anais*, 14, 44: “Nossos antepassados não confiavam na lealdade dos escravos, ainda mesmo dos nascidos em suas propriedades e em suas casas, criados no afeto dos senhores. Hoje que temos em nossas famílias servis pessoas de nações diversas, de vários ritos, de religiões diferentes ou de nenhuma, só medo pode ser coerção para esse entulho” (*suspecta maioribus nostris fuerunt ingenia servorum, etiam cum in agris aut domibus i[s]dem nascerentur caritatemque dominorum statim acciperent. postquam vero nationes in familiis habemus, quibus diversi ritus, externa sacra aut nulla sunt, conluviem istam non nisi metu coercueris*).

ameaça de coerção e uso da força e à circunscrição de sua vontade pessoal (ROLLER, 2001; Joly, 2004).

Dentro desse quadro, o estoicismo imperial – como representado por Sêneca – desenvolve a ideia de que, assim como, no nível político, o imperador não deve tratar seus súditos como escravos, o que acabaria provocando reações contra ele, no nível mais amplo da sociedade, a escravidão moral (a submissão dos aristocratas aos prazeres do corpo, ao luxo e aos bens materiais) acaba por refletir no modo de tratamento dos escravos, tendendo a basear a autoridade no uso da violência, e igualmente provocando revolta nos subordinados. Essa é a mensagem da carta 47 de Sêneca.

Teríamos então, em contraste a essas tensões localizadas no entorno da corte imperial, a imagem transmitida pelo *Moretum*, com seu cenário rural, numa pequena casa, e relações de dependência atenuadas, quando não invisíveis, nas palavras de Fitzgerald. A meu ver, trata-se de uma imagem que reflete as tensões de um ambiente de corte, servindo-se da vida campestre para apresentar sua antítese.¹⁴ Talvez este seja um caminho para se postular uma interpretação histórica do *Moretum*.

Referências

Documentação primária impressa

APPENDIX VERGILIANA. Ed. M. G. Iodice. Milano: Mondadori, 2002.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Edição bilíngue. Trad. Sandra Maria G. B. Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

PLINY THE ELDER. *Natural History*. Massachusetts: Harvard University Press, 1952; 1963. v. VII, VIII.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

TACITE. *Annales*. Paris: Les Belles Lettres, 1953. 3 v.

¹⁴ Inspiro-me aqui nas reflexões de Norbert Elias (1996, p. 302-305) acerca das relações entre o fortalecimento de uma corte monárquica e uma literatura sobre a vida campestre.

Obras de apoio

- BLAIR, W. *An inquiry into the state of slavery amongst the Romans from the Earliest Period till the establishment of the Lombards in Italy*. Edinburgh: Thomas Clark, 1833.
- BRADLEY, K. R. *Slavery and society at Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- BRAMBLE, J. C. Minor figures. In: EASTERLING, P. E.; KENNEY, E. J. (Ed.). *The Cambridge History of Classical Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 467-494.
- BRYSON, N. *Looking at the overlooked: four essays on still life painting*. London: Reaktion Books, 1990.
- CONNORS, C. Monkey business: imitation, authenticity, and identity from Pithekoussai to Plautus. *Classical Antiquity*, v. 23, n. 2, p. 179-207, 2004.
- D'ARMS, J. H. Slaves at Roman *convivia*. In: SLATER, W. J. (Ed.). *Dining in a Classical Context*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1991, p. 171-183.
- DOUGLAS, F. L. *A study of the 'Moretum'*. New York: Syracuse University, 1929.
- ELIAS, N. *La sociedad cortesana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- ÉVRARD, É. Quelques traits quantitatifs du vocabulaire du *Moretum*. *Latomus*, t. 41, fasc. 3, p. 550-565, 1982.
- FAVERSANI, F. *A pobreza no Satyricon de Petrônio*. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1999.
- FAVERSANI, F. *Estado e sociedade no Alto Império romano: Um estudo das obras de Sêneca*. Ouro Preto: Editora UFOP/PPGHIS, 2012.
- FITZGERALD, W. Labor and laborer in Latin Poetry: the case of the *Moretum*. *Arethusa*, v. 29.3, p. 389-418, 1996.
- FITZGERALD, W. *Slavery and the Roman literary imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- GARNSEY, P. *Famine and food supply in the Graeco-Roman World: responses to risk and crisis*. New York: Cambridge University Press, 1988.
- HABINEK, T. N. *The politics of Latin Literature: writing, identity, and Empire in Ancient Rome*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- HAIRSTON, E. A. *The Ebony Column: Classics, civilization, and the African American reclamation of the West*. Knoxville: University of Tennessee Press, 2013.

- HALEY, S. P. Be not afraid of the dark: critical race theory and Classical Studies. In: NASRALLAH, L. & FIORENZA, E. S. (Ed.) *Prejudice and Christian beginnings: investigating race, gender, and ethnicity in Early Christianity*. Minneapolis: Fortress, 2009, p. 27–49.
- JOLY, F. D. *Libertate opus est: escravidão, manumissão e cidadania à época de Nero (54-68 d.C.)*. Curitiba: Progressiva, 2010.
- JOLY, F. D. *Tácito e a metáfora da escravidão: um estudo de cultura política romana*. São Paulo: Edusp, 2004.
- JONES, C. P. Dinner theater. In: SLATER, W. J. (Ed.) *Dining in a Classical Context*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1991, p. 185-198.
- KENNEY, E. J. *Moretum, a poem ascribed to Virgil: the ploughman's lunch*. Bristol: Bristol Classical Press, 1984.
- KOLENDO, J. O camponês. In: GIARDINA, A. (Org.), *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1991, p. 169-178.
- PITA, L. F. D. O cotidiano do trabalhador romano segundo o *Moretum*. *Revista Tessituras*, v. 1, p. 1-9, 2010.
- RAND, E. K. Young Virgil's Poetry. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 30, p. 103-185, 1919.
- RODRÍGUEZ-PANTOJA, M. *El Moretum*, estudio lingüístico y literário. *Habis*, v. 8, 1977, p. 117-148.
- ROLLER, M. *Constructing autocracy: aristocrats and emperors in Julio-Claudian Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- ROSS, Jr., D. O. The *Culex* and *Moretum* as Post-Augustan literary parodies. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 79, p. 235-263, 1975.
- SCHUMACHER, L. *Sklaverei in der Antike: Alltag und Schicksal der Unfreien*. München: Beck, 2001.
- SNOWDEN, F. M. *Before color prejudice: the ancient view of Blacks*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.
- SNOWDEN, F. M. *Blacks in Antiquity: Ethiopians in the Greco-Roman experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1970.
- STEELE, R. B. The authorship of the *Moretum*. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 61, p. 195-216, 1930.

TODD, O. J. The Authorship of the *Moretum*. *Classical Philology*, v. 20, n. 4, p. 336-340, 1925.

ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M. C. J. (Ed.). *The Virgilian tradition: the first fifteen hundred years*. Yale: Yale University Press, 2008.